

# A guerra entre a Rússia e a Ucrânia – lições ecumênicas

## The war between Russia and Ukraine – ecumenical lessons

Rudolf von Sinner<sup>1</sup>

### Resumo

A invasão russa à Ucrânia começou em 24 de fevereiro de 2022 e a guerra dela decorrente continua até hoje, porém tem raízes mais profundas. Estas ficaram especialmente visíveis ao redor do chamado *Euromaidan*, em 2014, e a subsequente anexação da Crimeia por tropas russas. Mais do que naquela vez, ficou visível a atuação tímida, se não diretamente apoiadora, da Igreja ortodoxa russa em relação às agressões promovidas pelo presidente russo, Vladimir Putin, em 2022. A partir de análise bibliográfica e documental, privilegiando vozes enraizadas no Oriente europeu e com conhecimento profundo de causa, além de documentos recentes de críticos à guerra e do Conselho Mundial de Igrejas, em sua reunião do Comitê Central, em junho de 2022, e sua XI assembleia realizada em Karlsruhe, Alemanha, em setembro do mesmo ano, destaca-se a necessidade de manter juntos crítica profética e diálogo ecumênico, o qual, contudo, não deve ser confundido com leniência ou harmonia romântica.

### Palavras-chave

Conselho Mundial de Igrejas. Ecumenismo. Igreja ortodoxa. Guerra entre Rússia e Ucrânia.

### Abstract

The Russian invasion of Ukraine began on February 24, 2022, and the resulting war continues to this day, but has deeper roots. These were especially visible around the so-called *Euromaidan*, in 2014, and the subsequent annexation of Crimea by Russian troops. More than at that time, the timid, if not outrightly supporting position of the Russian Orthodox Church in relation to the aggressions promoted by Russian president Vladimir Putin, became evident in 2022. Based on a bibliographic and documentary analysis, privileging voices rooted in Eastern Europe and with deep knowledge of the cause, in addition to recent documents from critics of the war as well as the World Council of Churches at its Central Committee meeting in June 2022, and its 11th assembly held in Karlsruhe, Germany, in September of the same year, the need to keep together prophetic criticism and ecumenical dialogue is highlighted, which, however, should not be confused with leniency or romantic harmony.

### Keywords

World Council of Churches. Ecumenism. Orthodox Church. War Between Russia and Ukraine.

## INTRODUÇÃO

Nasci e cresci na Suíça em meio a Guerra Fria com discussões acaloradas. “Vá para a Rússia” era o ditado se você criticasse o vigoroso anticomunismo e, principalmente, o exército suíço e a preparação para a guerra contra o suposto ou real inimigo oriental. Muitos cristãos insistiram que você tinha que defender o país, a fé e o “mundo livre” – incluindo, é claro, o livre

---

<sup>1</sup> Livre-docente em Teologia Sistemática pela Universität Bern. Doutor em Teologia pela Universität Basel. Bacharel em Teologia pela Faculdade EST. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: [rudolf.sinner@pucpr.br](mailto:rudolf.sinner@pucpr.br).

mercado – contra os socialistas “ímpios”. Emocionalmente e em minhas convicções de fé, me senti muito mais próximo do movimento pela paz e questioneei por que um país tão pequeno como a Suíça deveria ter mesmo um exército. Os termos de comércio descaradamente assimétricos em todo o mundo também me incomodaram profundamente. Serviu para me abrir os olhos a Assembleia Ecumênia Europeia de Basileia de 1989, seis meses antes da queda do muro de Berlim, sobre *Paz, justiça e integridade da criação*. Havia delegados de toda a Europa, inclusive do Leste Europeu, discutindo essas questões cruciais com relativa liberdade. Todos podiam atravessar livremente para a França e a Alemanha em uma peregrinação por três países. Pela primeira vez, as fronteiras foram removidas. Tanto a Rússia quanto a Ucrânia eram estados da União Soviética na época. Em meio a muitos debates e encontros importantes, de partilha de oração, conhecimento, sabedoria e comida, nunca esqueci aquele padre irlandês inquieto e impaciente. Em meio a uma discussão sofisticada, mas para ele muito descompromissada, sobre a melhor forma de proteger e preservar o meio ambiente, disse: “tenho fogo na barriga – mas amor no coração”. Isso se tornou para mim um lema ecumênico: paixão e paciência, luta e amor, denúncia profética e anúncio do Evangelho devem andar juntos. A paz não é uma natureza-morta harmoniosa: é um engajamento ativo e não violento com meios criativos. Implica diálogo tanto quanto honestidade e falar ao poder.

Nesse sentido, o tratamento dado à guerra entre Rússia e Ucrânia na XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Karlsruhe, Alemanha, de 31 de agosto a 8 de setembro de 2022, sob o tema *O amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade*, pode servir como estudo de caso de como uma comunhão ecumênica institucionalizada busca manter tanto a crítica quanto o diálogo e a solidariedade. Os termos do tema, “amor”, “reconciliação” e “unidade” são termos muito ricos na Teologia em geral e na teologia ecumênica em especial. São termos bíblicos. No entanto, a mensagem que emitem para dentro e para fora da comunhão das 352 igrejas-membro do CMI que representam cerca de 25% do cristianismo mundial – a Igreja Católica Apostólica Romana é observadora e colabora com o CMI em muitas frentes, e entidades como a Comunhão Mundial Pentecostal e a Aliança Evangélica Mundial também são parceiras, representando grande parte do restante do cristianismo – é, à primeira vista, bastante ambígua: poderá se falar de amor, de reconciliação e de unidade sem falar também de um caminho anterior de justiça, de arrependimento e de enfrentamento honesto das feridas abertas pelas próprias igrejas?

Moro na cidade de Curitiba, no Paraná, num caldeirão de pessoas e culturas das mais variadas origens, igrejas e religiões, oriundas da Alemanha, Itália, Polônia, Japão, Líbano, Síria, e do território do que hoje é a Ucrânia. O Brasil tem uma diáspora ucraniana de meio milhão de pessoas, mormente no Paraná, e mais de 10% do total em Curitiba. O município de Prudentópolis, a 200 quilômetros de Curitiba, tem 75% de sua população descendente de ucranianos.<sup>2</sup> Em termos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://metropolia.org.br/cultura-ucraniana/etnia/ucranianos-no-brasil/>. Acesso em: 12 maio 2022.

de religião, são católicos de rito ortodoxo, ortodoxos e judeus que vieram a partir da última década do século XIX, quando não existia ainda a Ucrânia moderna. Numa primeira etapa de migração, vieram lavradores da parte ocidental da Ucrânia, da Galícia, que à época fazia parte do Império Austro-Húngaro. Uma segunda leva veio após a I Guerra Mundial, numa breve fase de independência do país, mas com grande instabilidade política. A maior parte da migração se deu após a II Guerra Mundial, de migrantes operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados (BORUSZENKO, 1969; GUÉRIOS, 2008; ALVES, 2018). Uma nova leva migratória, principalmente de profissionais qualificados, aconteceu após a independência do país da União Soviética, em 1991. E mais uma onda segue agora, em meio à guerra, em número relativamente pequeno, mas notável.<sup>3</sup> O memorial ucraniano se tornou um dos locais mais visitados nas últimas semanas. A comunidade, bem como seus vizinhos, está assustada e indignada.

A guerra na Ucrânia já passou de seis meses. Destruição para onde se olha, sem que apareça uma solução. De um lado, uma Rússia com aspirações de integrar um território que considera seu, de um povo que considera seu, e de combater o que chama de “nazismo” ou “fascismo” na Ucrânia – um país que, como a própria Rússia, na presente configuração, nasceu apenas em 1991. Há vozes que atribuem um “fascismo” antes à Rússia em seu agir totalitário, imperialista e destruidor do país vizinho que já fora designado de “irmão”. Por outro lado, um país ferido, sofrido, mas decidido de oferecer resistência até onde puder. Se existirem bolsões (neo-)nazistas, são pequenos e não caracterizam o país, muito mais aberto à democracia e à participação da sociedade civil, como veremos (HOVORUN, 2020). Não se negam as raízes comuns, mas não se aceita o ataque à soberania de um país independente que quer seguir sua própria política, inclusive de alianças. Quem não conseguir resistir, foge – mais de 7,3 milhões saíram do país na maior e mais rápida movimentação migratória dos tempos modernos na Europa. 2,3 milhões já voltaram, conforme dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) de junho de 2022.<sup>4</sup>

Além do momento cruel que se está acompanhando, com certo cansaço e crescente incompreensão, está em jogo a soberania e a identidade nacional de, no mínimo, dois países pós-soviéticos, entrelaçada como está com a identidade religiosa destes e a lealdade de sua população. Junto a isso está em jogo a compreensão daquilo que seria a “Europa”. Quando se fala de “Europa”, em geral se refere à Europa ocidental, e mais precisamente ainda, central. A Europa oriental pouco entra na mira. É muito pouco conhecida. Isso se torna um aspecto central quando se enxerga que há uma guerra não apenas física, mas de interpretações: de qual Europa se quer falar, e em qual medida se quer aproximar-se a esta ou ficar distante dela? Historicamente, toda

---

<sup>3</sup> Até início de junho de 2022, apenas 176 vistos humanitários para refugiados ucranianos haviam sido expedidos. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/03/ucraniana-vai-voltar-para-europa-por-falta-de-auxilio-do-governo-brasileiro-em-100-dias-de-guerra-pais-recebeu-176-refugiados.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/10/acnur-atualiza-dados-sobre-pessoas-refugiadas-na-ucrania-para-refletir-movimentos-recentes/>. Acesso em: 15 set. 2022.

“Rus” como foi conhecida, com centro em Kiev ou, como seria mais correto escrever, Kyiv, que esteve na fronteira entre a Europa e a Ásia, sendo que se entendeu pertencer à primeira. Hoje, para os ucranianos – simplificando-se a posição para fins de compreensão e discussão, sem poder dar conta de todas as diversidades e dissonâncias – a Europa está mais cobiçada e o “grande irmão” Rússia é visto e experimentado como inimigo.

Tal divergência não existe apenas desde 24 de fevereiro de 2022, ou o que o precedeu imediatamente, mas de modo especial a partir do chamado *Euromaidan*, os maciços protestos populares na praça central de Kyiv em 2014 e a subsequente anexação da Crimeia pelo exército invasor russo – como uma constelação conflituosa bem parecida à de hoje (KRAWCHUK; BREMER, 2016). De um lado, a construção de uma Europa, de um Ocidente a ser denunciado como decadente, principalmente pelo seu secularismo e liberalismo quanto às relações e uniões homoafetivas. O liberalismo está sendo identificado mormente com o protestantismo ou a completa falta de religião. Esta posição, a princípio, é compartilhada pelas igrejas e considerável parte da população em ambos os países e vinha sendo expressa também no âmbito do CMI. Contudo, há maior tolerância e abertura ao pluralismo na Ucrânia, e de momento essa compreensão moral cede a outras lealdades e não consegue servir como elo firme nem entre as igrejas ortodoxas dos dois países. Por outro lado, há uma Europa vista como defensora de ideias liberais, dos direitos humanos, da liberdade, diversidade e democracia, com menos corrupção e maior controle público sobre política e economia. Não é o caso aqui de avaliar se uma ou outra percepção é correta, ou mais correta, mas constatar que são percepções em forte contraste. Se a intenção tanto de Vladimir Putin quanto do patriarca Kirill de Moscou e toda Rússia foi de alinhar um país irmão e uma Igreja irmã ao maior dos dois irmãos, as ações e posições deles tiveram o efeito contrário: aprofundaram a vala, fortaleceram a resistência do pequeno irmão e descreditararam totalmente o presidente e o patriarca da Rússia.

No que segue, quero primeiro fazer uns esclarecimentos históricos e conceituais (1), para em seguida focar as igrejas ortodoxas na Rússia e na Ucrânia e seu papel no conflito (2). Depois, será ressaltada a discussão ecumênica no âmbito do Conselho Mundial de Igrejas (3) para, nas considerações finais, tecer breves reflexões sobre o que se evidenciou quanto à relação entre crítica profética e diálogo ecumênico.

## **1 HISTÓRIA E CONCEITOS**

As igrejas ortodoxas do Leste Europeu mantiveram ao longo de sua história uma grande proximidade com o poder instalado. Entre o patriarca e o imperador existia uma “sinfonia”, qual seja, dois tipos distintos de atuação para um mesmo objetivo. Assim o chamou o imperador Justiniano (482-565), o grande, no ano de 535, numa novela ao seu grande *Codex Iustinianus*:

Os seres humanos receberam duas excelentes dádivas de Deus por causa do seu amor aos humanos, o sacerdócio (*hierosýne*) e o império (*basileía*). O primeiro serve às coisas divinas, o segundo tem a prioridade nas coisas

humanas e as administra cuidadosamente. Ambos vêm da una e mesma origem e ordenam a vida humana. Portanto, os imperadores deveriam zelar por nada tanto quanto pela honra dos sacerdotes, pois estes também oram sempre a Deus por aqueles. Pois se o sacerdócio é irrepreensível em todos os sentidos e goza de confiança diante de Deus, se o império, por sua vez, ordena de forma reta e adequada a comunidade que lhe é confiada, então sempre haverá uma sinfonia (*symphonía*) e tudo que seja útil lhe será concedido. (BISCHOF et al., 2014, p. 319, tradução nossa).<sup>5</sup>

A Igreja, em geral, se constituiu como a parte mais fraca nesta parceria, sujeita às decisões do imperador, ainda que houvesse também momentos em que o patriarca se metia mais diretamente em questões políticas – o que cunhou na pesquisa o termo “ortodoxia política” (*politische Orthodoxie*) (BISCHOF et al., 2014, p. 320).

Durante o domínio do Império Otomano, o patriarca de Constantinopla era também líder político do seu grupo religioso não muçulmano, o *millet*, mais especificamente o *Rum Millet* (Millet de Roma/dos romanos) a quem competia, por exemplo, recolher os impostos para os governantes otomanos. Somente no século XIX começaram a serem criados Estados-nações que tinham uma Igreja ortodoxa nacional responsável, não por último, pela preservação da identidade nacional. Já na Rússia, que não ficara sujeita ao Império Otomano, o relacionamento entre Igreja e Estado seguia amplamente o princípio da sinfonia, uma relação da qual as duas partes se beneficiaram. Contudo, com Pedro, o Grande (1672-1725), houve uma reforma seguindo modelos ocidentais e um subjugamento da Igreja ao poder do czar. O ofício de patriarca foi abolido, sendo substituído por um governo eclesiástico coletivo, o “sínodo governante”. O resultado desse regalismo foi um clero com formação pobre, controlado pelo Estado e alienado das elites intelectuais. Com a Revolução Russa em 1917, a Igreja ganhou nova autonomia e se formou novamente sob a liderança de um patriarca. Contudo, a Igreja logo chegou a ser combatida implacavelmente, especialmente por Stálin. Conforme Bischof et al. (2014, p. 324), a Igreja poderia ter sido extinta, não houvesse a invasão alemã em 1941 que fez com que a Igreja ortodoxa russa se alinhasse com o estado. Assim, sobreviveu, ainda que sob forte controle estatal. Após o comunismo, tanto na Rússia quanto nos países vizinhos, a Igreja ortodoxa ganhou prestígio e configurou-se como marcador da identidade nacional.

Questões religiosas, étnicas e políticas sempre se entrelaçaram. A origem de tudo é a “Rus’ de Kyiv”, o batismo do príncipe Vladimir, mais tarde chamado o Santo, no ano de 988, quando Kyiv era sua capital e ele se casou com a filha do imperador de Bizâncio. Mais tarde, a capital foi transferida para Moscou. Enquanto a Rússia entende que Moscou e seu patriarcado

---

<sup>5</sup> “Zwei hervorragende Gaben Gottes haben die Menschen aufgrund seiner Menschenliebe erhalten, das Priesterum (*hierosýne*) und die Kaiserherrschaft (*basiléia*). Ersteres dient den göttlichen Dingen, die zweite hat den Vorrang in den menschlichen Belangen und leitet sie sorgfältig. Beide kommen von ein und demselben Ursprung und ordnen das menschliche Leben. Um nichts sollten sich die Kaiser darum so kümmern wie um die Ehre der Priester, da sie ja auch für sie immer zu Gott beten. Denn wenn das Priestertum in jeder Hinsicht tadellos ist und bei Gott Vertrauen genießt, die Kaiserherrschaft aber in rechter und angemessener Weise das ihr anvertraute Gemeinwesen ordnet, dann wird es einen guten Zusammenklang (*symphonía*) geben und dem Menschengeschlecht wird alles, was nützlich ist, gewährt.” (BISCHOF et al., 2014, p. 319).

seriam os sucessores legítimos desta tradição política e religiosa, pretende reunir “todos os russos” oriundos da “Rus’ de Kyiv” que morem na Rússia, na Ucrânia, em Belarus, ou na Moldávia, os países de hoje. Já muitos ortodoxos ucranianos entendem os russos vinculados a Moscou como forasteiros, sendo eles próprios os sucessores da “Rus’” de Kyiv em todos os sentidos. Por sua vez, os católicos romanos são entendidos como “poloneses”, os luteranos como “alemães”, os reformados como “húngaros” etc., sendo eles todos tolerados, mas não entendidos como fazendo parte da tradição e consciência nacional.

Dessa compreensão surgiu a ideia da “*sviataia Rus’*”, “santa Rus’”, propagada pelo patriarca Kirill. A expressão foi utilizada primeiro na carta do príncipe Kurbskii a Ivan, o Terrível (1530-1584), ainda que, à época, com sutilidades dissidentes antes de ser alinhada ao poder instalado. No século XIX, ressurgiu com designação apenas religiosa. Já entre intelectuais ortodoxos russos, na emigração do século XX, emergiu o termo com conotação fortemente geopolítica, de onde foi acolhido por Kirill, que ascendeu ao trono eclesiástico em 2009 após ter liderado o Departamento de Relações Exteriores. Importa lembrar que há diferenças aqui entre a língua russa e a ucraniana: enquanto em russo *russkii* refere-se tanto à Rus medieval (que englobava os dois países de hoje) quanto à Rússia moderna, a língua ucraniana as distingue (BREMER, 2022). Segundo Suslov, o adjetivo *rússkii* enfatiza o aspecto étnico, portanto comum, enquanto *rossiiskii* enfatiza o aspecto civil (SUSLOV, 2016). O correlato mais secular da “santa Rus’” é o *russkii mir*, o mundo russo no sentido étnico, incluindo todos os “russos” em qualquer território – parecido com a ideia da pangermanidade que surgiu com a unificação do Reich alemão em 1871. Hovorun (2016, p. 197-201) toma como analogia o “mundo germânico” com base no idealismo alemão com sua ideia do Estado forte baseado no respectivo *Volk* com sua moralidade e racionalidade, sendo semelhantes os enunciados de Helmuth Graf von Moltke (1800-1891) e Ferdinand Kattenbusch (1851-1935) aos propagados pelo “mundo russo” (DREHER, 2003). Surgiu a ideia de um Estado messiânico cuja “missão seria levar cultura e o cristianismo autêntico aos seus vizinhos” (HOVORUN, 2016, p. 199, tradução nossa).<sup>6</sup> Se para a Alemanha fora a questão do republicanismo, especialmente francês, considerada como “pecado mortal”, para a Rússia hodierna seria a legislação ocidental (liberal) sobre a sexualidade humana (HOVORUN, 2016, p. 201).

Em sua primeira visita à Ucrânia como patriarca, Kirill desenhou a “santa Rus’” como “uma entidade essencialmente decentrada, cujos pontos focais e metáforas geopolíticas mais fortes (as metonímias de Rússia, berço de Rússia, capital sagrada da Rússia, fortaleza da fé ortodoxa etc.) estão localizadas na periferia geográfica – na Ucrânia.” (SUSLOV, 2016, p. 169, tradução nossa).<sup>7</sup> Este aceno inicial à centralidade de um não centro – Kyiv e a Ucrânia – veio

---

<sup>6</sup> “[...] mission would be to bring culture and authentic Christianity to its neighbors” (HOVORUN, 2016, p. 199).

<sup>7</sup> “[...] an essentially decent entity, whose strongest geopolitical focal points and metaphors (the metonyms of Russia, cradle of Russia, sacred capital of Russia, stronghold of the Orthodox faith, etc.) are located on the geographic periphery – in Ukraine.” (SUSLOV, 2016, p. 169).

com a ideia de uma residência patriarcal e até naturalização ucraniana de Kirill. Contudo, a politização e o expansionismo russo fizeram com que a Ucrânia fosse, novamente, relegada à periferia a ser gerenciada pelo centro em Moscou. À época, Kirill ainda demonstrava descontentamento com a anexação da Crimeia. Ele ficou ausente da cerimônia de assinatura do tratado e até falava em “fratricídio”, algo que hoje não se ouve da boca dele.

A retórica só aumentou com a crescente confluência do “mundo russo” e da “santa Rus”. A nova ideia que foi propagada foi que “o ‘mundo russo’ de hoje, liderado pela Igreja ortodoxa russa, está travando uma guerra de libertação de um Ocidente descristianizado hegemônico” (SUSLOV, 2016, p. 172-173, tradução nossa).<sup>8</sup> Aumentou-se o tom também contra a Igreja ortodoxa unida a Roma, alegando que ela teria colaborado com a Alemanha nazista e seria nacionalista e antirrusa. Condenou-se os “cismáticos”, ou seja, as igrejas ortodoxas não canônicas. Houve uma mudança de posição: antes crítico tanto aos tempos do império quanto à União Soviética e à revolução comunista, agora Kirill fez uma nova síntese: os russos deveriam adotar “os elementos construtivos [de sua história]: a religiosidade do período medieval, o Estado forte no período imperial; o desejo por justiça social no período revolucionário, a solidariedade na época soviética, e o acento na dignidade humana na Rússia pós-soviética” (SUSLOV, 2016, p. 176, tradução nossa).<sup>9</sup> Segundo Suslov, a Igreja ortodoxa russa agora estava definindo suas fronteiras não mais em termos temporais, mas espaciais e, portanto, geopolíticos, e a Ucrânia se tornara o campo de batalha entre o Ocidente e a civilização russa e ortodoxa. Ele chama de “consolidação e autocolonização” da Rússia esta ideia de ser uma ilha de resistência no oceano da descrença (SUSLOV, 2016, p. 177). Em 2014, ativistas pró-Putin diziam que a Ucrânia era “nosso Stalingrad” – “uma batalha decisiva, cujo resultado determinaria o destino da Rússia: ou uma ‘civilização’ à altura do Ocidente, ou um miserável perdedor [*wretched underdog*] na cena global dominada pelos EUA” (SUSLOV, 2016, p. 162, tradução nossa).<sup>10</sup> Surge a pergunta: esta imagem da Europa, decadente, liberal, a- ou até anticristã, é correta?<sup>11</sup> A, se for correta, é, necessariamente, negativa?

## 2 O PAPEL DA IGREJA ORTODOXA RUSSA E DAS IGREJAS ORTODOXAS NA UCRÂNIA

Na Ucrânia, há uma variedade de igrejas ortodoxas. A maior é a Igreja ortodoxa ucraniana vinculada ao patriarcado de Moscou. Vem disputando espaço com a Igreja ucraniana ortodoxa – patriarcado de Kyiv, com a Igreja ucraniana ortodoxa autocéfala, bem como a Igreja ucraniana

---

<sup>8</sup> “[...] today's 'Russian world', led by the Russian Orthodox Church, is waging a war of liberation from a hegemonic de-Christianized West” (SUSLOV, 2016, p. 172-173).

<sup>9</sup> “[...] “the constructive elements [of its history]: the religiosity of the medieval period, the strong State in the imperial period; the desire for social justice in the revolutionary period, solidarity in the Soviet era, and the emphasis on human dignity in post-Soviet Russia” ((SUSLOV, 2016, p. 176).

<sup>10</sup> “[...] a decisive battle, the outcome of which would determine Russia's fate: either a 'civilization' worthy of the West, or a wretched underdog on the US-dominated global scene” ((SUSLOV, 2016, p. 162).

<sup>11</sup> Tal percepção não existe apenas na Rússia. Ver Jenkins (2011).

greco-católica. Além disso, há católicos romanos, principalmente de origem polonesa, denominações protestantes como luteranos, reformados, batistas, menonitas e pentecostais, bem como, em números pequenos, judeus, muçulmanos, entre outros. Em 2018, foram registradas 57 comunidades religiosas na Ucrânia conforme o Departamento de Estado para Assuntos Nacionais e Religiosos.<sup>12</sup> Abordarei aqui somente as quatro primeiras (BREMER, 2016; HOVORUN, 2020).

A primeira, a Igreja ortodoxa ucraniana, foi historicamente parte da Igreja ortodoxa russa. Atualmente, certo de 40% das paróquias da Igreja ortodoxa russa estão localizadas na Ucrânia, portanto já numericamente pode compreender-se o interesse vital da Igreja russa de mantê-las sob sua jurisdição. De acordo com Suslov (2016, p. 164, tradução nossa), “se a Igreja ortodoxa ucraniana – patriarcado de Moscou se separasse da Igreja ortodoxa russa e se juntasse com as outras duas numa Igreja ortodoxa ucraniana única, tal nova entidade bem poderia tirar da Igreja ortodoxa russa seu status de centro da ortodoxia mundial”.<sup>13</sup> Além disso, a Ucrânia, com sua população de 43 milhões de habitantes, tem mais frequência de cultos mesmo em números absolutos do que a própria Rússia com sua população de 143 milhões. Isto especialmente no ocidente da Ucrânia, razão pela qual a Igreja russa não é favorável a uma separação entre um Ocidente pró-europeu e um Oriente pró-russo.

Desde 1990, a Igreja ortodoxa ucraniana – patriarcado de Moscou veio a gozar de certa autonomia sob um metropolita, mas não tem autocefalia (poderíamos dizer: soberania), pois permanece sob o mando da Igreja ortodoxa russa. Foi, até 2018, a única Igreja ortodoxa canonicamente existente em solo ucraniano. A Igreja ortodoxa ucraniana – patriarcado de Kyiv foi fundada em 1992 sob o patriarca Filaret, ex-metropolita da Igreja ortodoxa russa. Não foi reconhecida por outras igrejas ortodoxas, mas contou com apoio do Estado. A terceira, a Igreja ortodoxa ucraniana autocéfala, que tem suas origens no período entre guerras mundiais, foi estabelecida por lei pelo Estado ucraniano em 1919, proclamando sua autocefalia em 1920, sendo confirmada por um concílio pan-ucraniano no ano seguinte. Porém, não foi reconhecida pelo patriarcado ecumênico e outras igrejas ortodoxas, pois padres consagraram outro padre, casado, como bispo – o que é proibido pelos preceitos comuns na ortodoxia oriental. Um bispo só pode ser consagrado por outros bispos e precisa ser monge e, portanto, celibatário. A Igreja continuou existindo no exílio dos Estados Unidos da América. Após o fim da União Soviética, voltou a estar presente na Ucrânia, mas seguiu sem ser reconhecida por outras igrejas ortodoxas. A quarta, a Igreja ucraniana greco-católica segue o rito ortodoxo, mas uniu-se à Roma na União de Brest (1595-1596). Está forte na região da Galícia, que já pertencia aos Habsburg da Áustria. Igrejas

---

<sup>12</sup> Apoio-me aqui em informações de uma palestra de Thomas Bremer no grupo de pesquisa *Teologia Pública em Contexto Latino-Americano*, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, proferida via Zoom no dia 16 de março de 2022.

<sup>13</sup> “[...] if the Ukrainian Orthodox Church-Moscow Patriarchate split from the Russian Orthodox Church and merged with the other two into a single Ukrainian Orthodox Church, such a new entity could well strip the Russian Orthodox Church of its status as the center of world Orthodoxy” (SUSLOV, 2016, p. 164).

ortodoxas alinhadas com Roma sempre foram um espinho na carne dos países ortodoxos onde as igrejas ortodoxas autocéfalas se entendem como única Igreja de direito num determinado território canônico. A Igreja foi suprimida em 1946 e restabelecida em 1989. Todas elas estiveram presentes a ambos os *maidans*, os protestos na Praça (*maidan*) da Independência em Kyiv: na chamada Revolução Laranja de 2004 e na Revolução da Dignidade (ou *Euromaidan*, pela maior aproximação à Europa) de 2013-2014, os quais tinham um caráter também religioso. Segundo Hovorun (2020, p. 346), lá as igrejas também reconheceram a pluralidade da sociedade ucraniana e adotaram uma postura mais crítica frente ao Estado. A Igreja ortodoxa ucraniana condenou, em 2007, a “ortodoxia política” de fraternidades antiocidentais e pró-Moscou. Hovorun distingue esse processo de “modernização” de uma agenda “modernista” que vincularia as igrejas a regimes políticos na base de ideologias. “As igrejas, inclusive as ortodoxas, colaboraram com vários regimes fascistas, adotaram suas ideologias conservadoras e apreciaram quando esses regimes promoveram o que hoje chamamos de valores tradicionais” (HOVORUN, 2020, p. 346, tradução nossa).<sup>14</sup> Também colaboraram com o comunismo ateu e a “construção ideológica eclética” que o sucedeu, que incluía “elementos de comunismo, monarquismo, conservantismo político e fundamentalismo religioso” (HOVORUN, 2020, p. 346, tradução nossa).<sup>15</sup>

Após várias visitas de presidentes ucranianos a Istanbul, pressionando para atingir a autocefalia, em 2018, o patriarca ecumênico Bartolomeu resolveu adotar este projeto e reunir as igrejas ortodoxas da Ucrânia, criando-se a Igreja ortodoxa da Ucrânia (BREMER, 2016, p. 33). Isto, naturalmente, foi percebido como ingerência pela Igreja ortodoxa russa. O conflito entre Moscou e o Phanar (bairro de Istanbul onde está localizada a sede do patriarcado ecumênico e cujo nome muitas vezes é utilizado para designá-lo) já vem de longa data, pois normalmente o patriarcado ecumênico é responsável pelas comunidades ortodoxas fora do seu território canônico, mas Moscou sempre reivindicou jurisdição sobre as igrejas russas fora da Rússia. Também, sendo historicamente o quinto patriarcado mais importante, entende que seria a “terceira Roma” e, portanto, a sucessora natural a Constantinopla após a ocupação desta cidade pelos otomanos em 1453. No caso da Ucrânia, o Phanar se meteu a criar uma Igreja canônica em território onde já existia uma Igreja canônica – aquela vinculada ao patriarcado de Moscou. Como era para se esperar, em outubro de 2018 foi rompida por Moscou a comunhão eucarística com o patriarcado ecumênico. Já este procedeu a convocar um sínodo de unificação. Emitiu, em janeiro do ano seguinte, um decreto (*tomos*) constatando que “recomendamos que todas as igrejas ortodoxas ao redor do mundo reconheçam e comemorem [esta nova Igreja] pelo nome de ‘Santíssima Igreja da Ucrânia’ com sua sede histórica na cidade de Kyiv” (ECUMENICAL

---

<sup>14</sup> “Churches, including Orthodox ones, collaborated with various fascist regimes, adopted their conservative ideologies, and appreciated when those regimes promoted what we now call traditional values” (HOVORUN, 2020, p. 346).

<sup>15</sup> “[...] elements of communism, monarchism, political conservatism, and religious fundamentalism” (HOVORUN, 2020, p. 346).

PATRIARCHATE OF CONSTANTINOPLE, 2019, tradução nossa).<sup>16</sup> Também apareceram como nomes a Igreja ortodoxa na Ucrânia e a Igreja ortodoxa ucraniana unida. Finalmente, foi registrada como Metropolia de Kyiv da Igreja ortodoxa na Ucrânia, reunindo muitas (não todas as) paróquias da Igreja do Patriarcado de Kyiv e da Igreja autocéfala, até então não reconhecidas. Algumas igrejas ortodoxas, como da Grécia, do Chipre, e do patriarcado de Alexandria, reconheceram a nova igreja. Imediatamente, Moscou rompeu a comunhão com estas.

Portanto, houve desentendimento político e religioso entre a Rússia e a Ucrânia. Talvez seja uma das razões pelas quais o patriarca de Moscou, Kirill, tenha aderido com fervor à guerra do presidente Putin. Nos dois casos, no entanto, o efeito parece ter sido o contrário: enquanto o povo ucraniano maciçamente apoiou seu país e ficou horrorizado diante do ataque fratricida, também o metropolitano da Igreja ortodoxa ucraniana vinculada ao patriarcado de Moscou, Onufry, reagiu fortemente. Ainda no dia do começo da invasão, em 24 de fevereiro, divulgou a seguinte manifestação:

Como primaz da Igreja ortodoxa ucraniana, faço este apelo ao senhor e todos os cidadãos da Ucrânia. Ocorreu um desastre. Infelizmente, a Rússia tem lançado ações militares contra a Ucrânia, e neste tempo decisivo, exorto vocês a não entrarem em pânico, mas serem corajosos, e mostrar amor pela sua pátria e uns para os outros. Antes de tudo, chamo vocês à oração penitencial intensificada pela Ucrânia, pelo nosso exército, e nosso povo, e suplico a vocês a deixarem do lado brigas e mal-entendidos mútuos e unir-se em amor por Deus e nossa pátria. Neste momento trágico, expressamos nosso amor fervoroso e suporte aos nossos soldados que estão vigiando, protegendo e defendendo nosso país e nosso povo. Que Deus os abençoe e guarde! Defendendo a soberania e a integridade da Ucrânia, apelamos ao presidente da Rússia e demandamos que pare, imediatamente, esta guerra fratricida.<sup>17</sup>

Já o patriarca russo falou:

Recebo o sofrimento das pessoas causado pelos eventos que estão acontecendo com profunda e sentida dor. Como patriarca de toda a Rússia e primaz de uma Igreja cujo rebanho está localizado na Rússia, Ucrânia, e outros países, sinto profundamente com cada um afetado por esta tragédia. Faço um apelo a todos os partidos neste conflito para fazerem tudo que puderem para evitar prejuízos civis. (KIRILL, 2022, tradução nossa).<sup>18</sup>

Num sermão no domingo seguinte, contudo, o patriarca disse:

---

<sup>16</sup> “[...] recommend that all Orthodox Churches throughout the world acknowledge and commemorate it by the name 'Most Holy Church of Ukraine' with its see in the historic city of Kyiv” (ECUMENICAL PATRIARCHATE OF CONSTANTINOPLE, 2019).

<sup>17</sup> Conforme tradução de Thomas Bremer, apresentada na palestra ao grupo de pesquisa supracitado. Disponível em: <https://news.church.ua/2022/02/24/video-zvernennya-blzhennishogo-mitropolita-onufriya-ukrajinskoji-pastvi/>. Acesso em: 15 set. 2022.

<sup>18</sup> “I take the suffering of people caused by the events taking place with deep and heartfelt pain. As the Patriarch of All Russia and the primate of a Church whose flock is located in Russia, Ukraine, and other countries, I deeply empathize with everyone affected by this tragedy. I call on all parties to the conflict to do everything possible to avoid civilian casualties.” (KIRILL, 2022).

Queira Deus que a presente situação política na fraterna Ucrânia tão perto de nós não almeje deixar as forças do mal ganharem, aquelas que sempre lutaram contra a unidade da Rus' e da Igreja russa. [...] Não se deve permitir que haja oportunidade para as forças externas, sombrias e hostis, zombarem da gente. [...] Que o Senhor guarde a terra russa. Quando digo “russa”, utilizo a antiga expressão para a terra que hoje incluiu a Rússia e a Ucrânia e a Belarus e outras tribos e povos. (RUSSIAN ORTHODOX CHURCH, 2022, tradução nossa).<sup>19</sup>

Em 6 de março, o patriarca atribuiu à guerra um caráter “não físico, mas metafísico” (HOVORUN, 2022a, p. 34). Para o teólogo ucraniano Hovorun (2022a, p. 34), quem já chefiou o Departamento de Relações Exteriores da Igreja ortodoxa ucraniana (Patriarcado de Moscou), a dimensão religiosa é um motor mais importante para Putin do que seu imperialismo. Ele tece uma analogia com Iwan Schatow do romance *Os demônios*, de Fiodor Dostoiévski (1872, publicado em português em 2013), que desenvolve uma forte fé na Rússia, mas somente timidamente em Deus. “Ele [Putin] conseguiu transformar a Igreja ortodoxa russa num tal [instrumento de manipulação das massas] – com o pleno consenso desta”, afirma (HOVORUN, 2022a, p. 34). De fato, diz Hovorun, a guerra tem uma dimensão metafísica – porém paranoica.

Há crescente resistência principalmente por parte de teólogos, religiosos e padres ortodoxos, ucranianos ou não, inclusive alguns russos, contra a guerra e a concepção do “mundo russo” que a orienta. Ficou bem conhecida a *Declaração sobre a doutrina do “mundo russo” (russkii mir)*, de 13 de março de 2022, rejeitando o “fundamentalismo religioso etno-filético, totalitário em seu caráter” vinculado a essa concepção (DECLARATION..., 2022, tradução nossa).<sup>20</sup> Chama-a de heresia. Diz que “como a Rússia invadiu a Ucrânia, da mesma forma o Patriarcado de Moscou do patriarca Kirill invadiu a Igreja ortodoxa, por exemplo na África, criando divisão e briga” (DECLARATION..., 2022, tradução nossa).<sup>21</sup> Em seis teses e seis antíteses, afirma e rejeita o que é ortodoxo e o que não é – de forma reconhecível no estilo da declaração de Barmen, de 1934, da Igreja Confessante contra os cristãos alemães alinhados com o *Führer* (ALTMANN, 2004, p. 169-171). Até 15 de novembro de 2022, 1.502 pessoas tinham assinado a declaração (DECLARATION..., 2022). Me parece significativa a referência implícita (explicitamente confirmada em conversa pessoal com Cyril Hovorun) a Barmen como um momento de *status confessionis* em tempo de imenso perigo pela identidade da Igreja, mas também da nação e dos seus cidadãos. É o momento de recorrer a linguagem clara e inequívoca. O quadro que segue traz uma sinopse das partes mais importantes de afirmação e de rejeição.

---

<sup>19</sup> “God forbid that the present political situation in fraternal Ukraine so close to us should be aimed at making the evil forces that have always strived against the unity of Rus' and the Russian Church, gain the upper hand. [...] It must not be allowed to give the dark and hostile external forces an occasion to laugh at us. [...] May the Lord preserve the Russian land. When I say ‘Russian’, I use the ancient expression [...] [for] the land which now includes Russia and Ukraine and Belarus and other tribes and peoples.” (RUSSIAN ORTHODOX CHURCH, 2022).

<sup>20</sup> “[...] ethno-phyletist religious fundamentalism, totalitarian in character” (DECLARATION..., 2022).

<sup>21</sup> “[...] just as Russia has invaded Ukraine, so too the Moscow Patriarchate of Patriarch Kirill has invaded the Orthodox Church, for example in Africa, causing division and strife” (DECLARATION..., 2022).

QUADRO 1 – COMPARAÇÃO ENTRE AS DECLARAÇÕES DE BARMEN (1934) E SOBRE O RUSSKII MIR (“MUNDO RUSSO”, 2022)

BARMEN 1934	RUSSKII MIR 2022
<p>1. <b>Jesus Cristo</b>, como nos é atestado na <b>Sagrada Escritura</b>, é a <b>única</b> Palavra de Deus que devemos ouvir, e em quem devemos confiar e a quem devemos obedecer na vida e na morte</p> <p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que a Igreja teria o dever de reconhecer – além e à parte da Palavra de Deus – ainda <b>outros</b> acontecimentos e poderes, personagens e verdades como fontes da sua pregação e como revelação divina.</p>	<p><b>Afirmamos</b> que o propósito e fim da história, seu <i>télos</i>, estabelecido por Deus, é a chegada do reino de nosso Senhor <b>Jesus Cristo</b>, um reino de justiça, paz e alegria no Espírito Santo, um reino atestado pela <b>Sagrada Escritura</b> como interpretada autoritativamente pelos padres [da Igreja]. [...] Este reino é o <b>único</b> fundamento e autoridade para os ortodoxos, de fato para todos os cristãos. Não há nenhuma fonte separada de revelação, nenhuma base para comunidade, sociedade, estado, lei, identidade pessoal e ensino, para a ortodoxia como corpo do Cristo vivo do que aquilo que é revelado em, por, e por meio de nosso Senhor Jesus Cristo e o Espírito de Deus.</p> <p>Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> qualquer ensinamento que busque substituir o Reino de Deus [...] com um reino deste mundo, seja a sagrada Rus’, o sagrado bizâncio, ou qualquer <b>outro</b> reinado terreno que com isso ia usurpar a autoridade própria do Cristo.</p>
<p>2. [...] Assim como <b>Jesus Cristo</b> é a certeza divina do perdão de todos os nossos pecados, assim e também com a mesma seriedade, é a <b>reivindicação poderosa de Deus sobre toda a nossa existência</b>. Por seu intermédio experimentamos uma jubilosa libertação dos ímpios grilhões deste mundo, para servirmos livremente e com gratidão às suas criaturas.</p> <p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que, em nossa existência, haveria áreas que não pertencemos a Jesus Cristo, mas a <b>outros senhores</b>, áreas em que não necessitaríamos da justificação e santificação por meio dele.</p>	<p><b>Afirmamos</b> que, em antecipação do triunfo final do Reino de Deus, reconhecemos a <b>única e última autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo</b>. Na presente era, governantes terrenos providenciam paz [...]. Contudo, não há nação, estado ou ordem de vida humana que pode ter <b>maior direito sobre nós do que Jesus Cristo</b> [...].</p> <p>Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> qualquer ensinamento que subordinaria o Reino de Deus, manifesto na Igreja de Deus una e santa, a qualquer reino deste mundo, procurando <b>outros senhores</b> eclesiais ou seculares que poderiam justificar e salvar-nos. Rejeitamos firmemente todas as formas de governo que divinizam o estado (teocracia) e absorvem a Igreja, privando a Igreja de sua liberdade de posicionar-se profeticamente contra toda a injustiça. Também repreendemos todos que afirmam o cesaropapismo, substituindo sua última obediência ao Senhor crucificado e ressurreto com aquela ao qualquer líder investido com poderes governantes e reclamando ser o ungido de Deus, seja ele conhecido pelo título de “César”, “imperador”, “tzar” ou “presidente”.</p>
<p>3. [...] A Igreja cristã é a <b>comunidade dos irmãos</b>, na qual Jesus Cristo age atualmente como o Senhor na Palavra e nos sacramentos através do Espírito Santo. Como Igreja formada por pecadores justificados, ela deve, num mundo pecador, testemunhar com sua fé, sua obediência, sua mensagem e sua organização que só dele ela é propriedade, que ela vive e deseja viver tão-somente da sua consolação e das suas instruções na expectativa de sua vinda.</p>	<p><b>Afirmamos</b> que a divisão da humanidade em grupos com base em raça, religião, língua, etnicidade ou qualquer outra característica secundária da existência humana é uma característica deste mundo imperfeito e pecador [...]. Afirmar a superioridade de um grupo sobre outros é um mal típico de tais divisões, que são inteiramente contrários ao Evangelho, no qual todos são um e igual em Cristo, todos devem responder a ele por suas ações, e todos têm acesso a seu amor e perdão, não como membros de grupos</p>

<p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que à Igreja seria permitido substituir a forma da sua mensagem e organização, a seu bel-prazer ou de acordo com as respectivas <b>convicções ideológicas e políticas reinantes</b>.</p>	<p>sociais ou étnicos particulares, mas como pessoas criadas e nascidas igualmente à <b>imagem e semelhança de Deus</b> (Gn 1,26). Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> qualquer ensinamento que atribui <b>instalação ou autoridade, santidade especial ou pureza a qualquer identidade local, nacional ou étnica</b>, ou caracteriza qualquer cultura específica como especial ou ordenada divinamente, seja ela grega, romena, russa, ucraniana, ou qualquer outra.</p>
<p>4. [...] A diversidade de funções na Igreja não estabelece o predomínio de uma sobre a outra, mas antes o exercício do ministério confiado e ordenado a toda a comunidade.</p> <p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que a Igreja, desviada deste ministério, poderia dar a si mesma ou permitir que se lhe dessem líderes especiais revestidos de poderes de mando.</p>	<p>Seguindo o mandamento de nosso Senhor, <b>afirmamos</b> que, assim como declara santo Siluan, o Atonita, “a graça de Deus não está no homem que não ama seus inimigos”, e não podemos conhecer a paz até que amemos nossos inimigos. Enquanto tal, travar uma guerra é o último fracasso da lei do amor do Cristo.</p> <p>Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> qualquer ensinamento que encoraja divisão, desconfiança, ódio e violência entre povos, religiões, confissões, nações ou estados. Condenamos, ainda, como não ortodoxo e rejeitamos qualquer ensinamento que demonize ou fomenta a demonização daqueles que o estado ou a sociedade entendem como “outro”, incluindo estrangeiros, dissidentes políticos e religiosos e outras minorias sociais estigmatizadas. Rejeitamos toda divisão maniqueísta ou gnóstica que elevaria uma cultura sagrada ortodoxa oriental e seus povos ortodoxos sobre um depreciado e imoral “Ocidente”. Fica especialmente mal condenar outras nações por meio de petições especiais litúrgicas da Igreja, elevando os membros da Igreja ortodoxa e suas culturas como espiritualmente santificados em comparação com os “heterodoxos” ligados à carne e secularizados.</p>
<p>5. [...] A Escritura nos diz que o Estado tem o dever, conforme ordem divina, de zelar pela justiça e pela paz no mundo ainda que não redimido, no qual também vive a Igreja, segundo o padrão de julgamento e capacidade humana com emprego da intimidação e exercício da força. A Igreja reconhece os benefícios dessa ordem divina com gratidão e reverência a Deus. Lembra a existência do Reino de Deus, dos mandamentos e da justiça divina, chamando, dessa forma, a atenção para a responsabilidade de governantes e governados. Ela confia no poder da Palavra e lhe presta obediência, mediante a qual Deus sustenta todas as coisas.</p> <p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que a Igreja poderia e deveria, ultrapassando sua missão específica, apropriar-se das características, das tarefas e da dignidade estatais, tornando-se assim, ela mesma, um órgão do Estado.</p>	<p><b>Afirmamos</b> que Cristo nos chama a exercer caridade pessoal e comunitária aos pobres, famintos, sem teto, refugiados, migrantes, doentes e sofredos, e a buscar justiça para os perseguidos, os aflitos, e os necessitados. Se rejeitamos o chamado do nosso próximo; de fato se, ao invés disso, batemos e roubamos, e deixamos nosso próximo sofrer e morrer do lado do caminho (parábola do bom samaritano, Lucas 10,25-57), então não estamos no amor de Cristo a caminho para o Reino de Deus, mas nos fizemos a nós mesmos inimigos de Cristo e de sua Igreja. Somos chamados não apenas a orar pela paz, mas a levantar a voz ativamente e profeticamente e condenar injustiça, <i>fazer a paz</i> mesmo se custar nossas vidas.</p> <p>[...] Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> toda promoção de um “quietismo” espiritual entre os fiéis e os clérigos da Igreja, do mais alto patriarca à pessoa leiga mais humilde. Reprendemos aqueles que oram pela paz enquanto falham a não fazer ativamente a paz, seja por medo ou por falta de fé.</p>
<p>6. [...] A missão da Igreja, na qual repousa sua liberdade, consiste em transmitir a todo o povo – em nome de Cristo e, portanto, a serviço de sua</p>	<p><b>Afirmamos</b> que Jesus chama seus discípulos não apenas a conhecer a verdade, mas a falar a verdade. [...] Uma invasão da maior escala a um país vizinho</p>

<p>Palavra e da sua obra pela pregação e pelo sacramento – a mensagem da livre graça de Deus.</p> <p><b>Rejeitamos</b> a falsa doutrina de que a Igreja, possuída de arrogância humana, poderia colocar a Palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente.</p>	<p>pelo segundo poder militar mais amplo do mundo não é apenas uma “operação especial militar”, “eventos” ou “conflito” ou qualquer outro eufemismo escolhido para negar a realidade da situação. Antes, trata-se, <i>de fato</i>, de uma invasão da maior escala que já resultou na morte de muitos civis e militares, o despedaçar violento da vida de mais de 44 milhões de pessoas e o deslocamento e exílio de mais de duas milhões de pessoas (em 13 de março de 2022). Esta verdade precisa ser dita, por mais dolorida que seja.</p> <p>Condenamos, portanto, como não ortodoxo e <b>rejeitamos</b> qualquer ensinamento ou ação que se recusa a falar a verdade, ou ativamente suprime a verdade sobre males que estão sendo cometidos na Ucrânia contrários ao Evangelho do Cristo. Condenamos veementemente toda fala de “guerra fratricida”, “repetição do pecado de Caim que matou seu irmão por causa de inveja” se não reconhecer, explicitamente, a intenção assassina e a culpa de um partido sobre outro (Ap 3,15-16).</p>
--	--

Fonte: Altmann (2004) e *Declaração sobre a doutrina do “mundo russo” (ruskii mir)* (2022).

É claro que há diferenças de contexto e de linguagem, inclusive em relação à Teologia. No caso da protestante Barmen, refere-se com mais exclusividade à Sagrada Escritura e à Palavra de Deus, enquanto o documento ortodoxo refere-se amplamente aos padres da Igreja também. Insiste mais no Reino de Deus do que o faz a declaração de Barmen. Por outro lado, é mais explícita e concreta quanto ao contexto atual, compreensível pelo fato de ter sido escrito e lançado por ortodoxos que não moram na Rússia, portanto que não tinham que ter medo de retaliações imediatas, diferente de Barmen, quando o *Führer* Hitler já tinha assumido o poder e os autores da declaração que aderiram a Igreja Confessante corriam riscos muito concretos, pois estavam, por assim dizer, no olho do furacão. Em ambos os casos, no entanto, o destinatário da declaração é a Igreja, que deve lembrar-se de seu fundamento em Jesus Cristo e de suas tarefas evangélicas, não permitindo uma adesão cega a um Estado autoritário. A lealdade primária das pessoas cristãs, segundo as duas declarações, deve ser com Deus que se revelou em Jesus Cristo e age por meio do Espírito Santo. Decorrente disto, mais claramente na declaração recente sobre (e contra) o “mundo russo”, se rejeita qualquer discriminação e estigmatização de outros povos e/ou minorias. Também não se aceita uma visão maniqueísta de um cristão, moral e ortodoxo “Oriente” contra um “Ocidente” secular, imoral e heterodoxo.

A declaração tem recebido críticas, não pela solidariedade expressa com a Ucrânia e a forte crítica dirigida à Rússia, mas pelo exato conteúdo da doutrina do “mundo russo” que está sendo colocado em questão. A declaração o subestimaria, diz Shishkov (2022), pois trataria os dois países além da Rússia que seriam parte do “mundo russo” como grupos apenas subétnicos, sem direito a uma nação própria. Bremer (2022) corrobora isto e afirma que a cosmovisão através da negação de uma nação ucraniana distinta da russa e do estado ucraniano enquanto tal seriam mais efetivos do que a categoria “um tanto amorfa” do “mundo russo”. Há uma clara posição antiocidental, por isso na medida em que ucranianos diferem da ideia russa de uma civilização

em comum, são representados como “desviados pelo Ocidente”. Para Hovorun (2022b), a noção de “mundo russo” propagada pela Igreja ortodoxa russa é fluida e pouco precisa. Sugere falar de “nacionalismo civilizacional” ou “excepcionalismo civilizacional”, com referência a Oswald Spengler (2013), cuja ideia do Ocidente em declínio estaria sendo mui apreciada no Kremlin. Nessa esteira, o historiador e antropólogo russo Lev Gumilyov (1912-1992) teria ajustado a ideia à Rússia e cunhado, para ela, o termo de “superetnia”. Ele teria dado base à ideia de um “*make Russia great again*” – em evidente analogia ao lema de Donald Trump. Conforme Benjamin Teitelbaum (2020), há conexões entre esta linha de pensamento nas (ex-)presidências dos Estados Unidos da América, da Rússia e do Brasil, com base nos pensamentos de Steve Bannon, Alexander Dugin e Olavo de Carvalho que se uniriam no “tradicionalismo”. Eis mais uma razão pela importância do presente tema para uma reflexão no Brasil.

Uma segunda discussão é sobre o caráter realmente teológico da doutrina do “mundo russo”, ou antes política, pois o “etnofiletismo” seria algo muito comum nas igrejas ortodoxas nacionais caso não definido com clareza quanto à medida em que a nação seria colocada acima da fé – inclusive os ucranianos poderiam ser criticados em relação a isso, o que seria “uma facada nas costas” deles (SHISHKOV, 2022). O real “mundo russo” seria quase “irreligioso”, instrumentalizando a religião e utilizando-a meramente de forma decorativa, sem realmente precisar dela. Howell (2022) o compara ao helenismo reavivado nos séculos XIX e XX que desembocou na sangrenta guerra greco-turca depois da I Guerra Mundial (1919-1922), propagando a “Μεγάλη ιδέα”, a “grande ideia” de procurar a restauração de um império cristão bizantino. O autor defende a necessidade de uma reflexão sobre uma “teologia ecumênica pós-cristandade”, recorrendo, de todos, justo à referência teológica ocidental, Agostinho, rumo a uma teologia helénica da hospitalidade (*philoxenia*). Contudo, é questionável se é possível diferenciar tão claramente entre o aspecto religioso e o político. Afirmou Bremer (2015, p. 43, tradução nossa), já anos atrás, que “a Igreja ortodoxa russa, que oficialmente se filiou à fundação ‘Mundo Russo’ em 2009, frequentemente tem feito referência ao *ruskiy mir* em seu discurso recente. O termo ‘mundo russo’ se refere a uma cultura que se diferencia da cultura ocidental e é superior a ela.”<sup>22</sup> É esse contraste ao Ocidente, com conotações religiosas contra aquele mundo secularizado (por exemplo, ao retirar símbolos religiosos de espaços públicos), que se sobressai. Incide especialmente sobre valores morais, os quais, por sua vez, transcendem o espaço mais restritamente religioso. Em 2014, o patriarca Kirill afirmou sobre esses valores que

na cultura à qual pertencemos, valores bíblicos, ou para aqueles que não reconhecem o Evangelho e pertencem a outras religiões, os valores de sua própria religião, [...] são moralmente consoantes em muitos aspectos aos ensinamentos cristãos. [Entre esses valores estão] piedade, patriotismo, amor ao próximo, justiça, harmonia entre nações e entre religiões, a busca de

---

<sup>22</sup> “[...] the Russian Orthodox Church, which officially joined the ‘Russian World’ foundation in 2009, has frequently referred to *Ruskiy mir* in recent discourse. The term “Russian world” refers to a culture that differentiates itself from Western culture and is superior to it.” (BREMER, 2015, p. 43).

conhecimento, aplicação, e respeito pelos nossos anciãos. (BREMER, 2015, p. 45, tradução nossa).<sup>23</sup>

Entende-se ser uma moralidade mais comunitária do que o individualismo ocidental visto com exacerbado. Finalmente, critica-se o estilo adotado em semelhança à *Declaração Teológica de Barmen*, uma vez que não foi escrita por pessoas que estão sofrendo a guerra, não nasceu do meio conflitivo, mas de teólogos que não viveram sob sistemas autoritários ou até totalitários (SHISHKOV, 2022). Na minha opinião, no entanto, isso não invalida os argumentos teológicos apresentados na declaração, nem sua oportunidade. Pesa para sua importância o grande número de assinantes de tradição ortodoxa. Trata-se de um enorme teste para as igrejas ortodoxas no mundo inteiro, que pela sua eclesiologia se entendem como uma única Igreja que teria preservado o legado apostólico em sua plenitude.

### **3 O DEBATE NO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS**

O movimento ecumênico é um lugar privilegiado para aprender, desde que seja capaz de criar espaços seguros e corajosos (*safe and brave spaces*) em que seja possível sermos honestos uns com os outros, mas também solidários ao chorar e rir, compartilhar uma refeição e rezar uns pelos outros. Pessoalmente, fui enormemente enriquecido por tais e outros encontros dentro do movimento ecumênico, principalmente no âmbito do CMI, desde que fui auxiliar (*steward*) na VII assembleia, em Canberra, Austrália, em 1991, inclusive junto, entre muitos outros, com um sacerdote ortodoxo russo, a quem pude reencontrar na XI assembleia em Karlsruhe, 31 anos depois. É um espaço onde muitos experimentam mais liberdade e igualdade do que nos contextos domésticos, seja na Igreja ou na sociedade, ou ambos. Muito do que é dito e ouvido lá pode e, de fato, não deve ser tornado público. Não se pode expor a todos o que se diz e como as pessoas se apresentam quando se fazem vulneráveis uns aos outros. Mas é necessário tornar pública a natureza do CMI como tal lugar de encontro, de diálogo e de conflito civilizado. Estar em diálogo honesto não significa promover algo romântico e evitar ser profético. O Comitê Central do CMI fez uma declaração ousada contra a guerra, em junho de 2022, e assim o fez a assembleia em setembro de 2022, como mostrarei a seguir. Houve, entre os dois eventos, visitas tanto à Ucrânia como à Rússia. O ex-chefe do Departamento de Relações Exteriores da Igreja ortodoxa russa, o metropolitano Hilarion (Alfeyev), agora responsável pela Igreja russa na Hungria, foi repentinamente afastado. Em sua fala perante a pré-assembleia ortodoxa – facilitada pelo CMI – compreensivelmente não falou diretamente sobre o “mérito” da guerra. Mas sublinhou o aspecto diaconal da tarefa da Igreja: “dia após dia, pesadas atividades humanitárias e pacificadoras são executadas, muitas das quais permanecem sem serem vistas. Convidamos todas as partes

---

<sup>23</sup> “[...] in the culture to which we belong Biblical values, or for those who do not recognize the Gospel and belong to other religions, the values of their own religion, [...] which are in moral regard consonant in many respects with Christian teachings. [Among these values are] piety, patriotism, love of fellow man, justice, harmony between nations and between religions, the striving for knowledge, industriousness, and respect for our elders.” (BREMER, 2015, p. 45).

interessadas a juntar esforços conosco em prestar apoio aos sofridos. Penso que sempre de novo, nosso mundo dilacerado por conflitos necessitará o apoio de cristãos” (HILARION OF BUDAPEST E HUNGARY, 2022, p. 59, tradução nossa).<sup>24</sup> O metropolita ainda agradeceu explicitamente ao CMI pelo que fez em outros casos de conflito. Ao mesmo tempo, contudo, não poupou palavras afiadas e afirmou que “não devemos ser indiferentes, olhando algumas partes do mundo cristão ocidental escorregando para dentro do abismo de rejeição absoluta do Evangelho e do Cristo e seguindo o caminho do relativismo moral e da degradação.” (HILARION OF BUDAPEST E HUNGARY, 2022, p. 55, tradução nossa).<sup>25</sup>

Em Karlsruhe, houve pessoas cristãs de ambos os lados. Todos estão sofrendo e lutando, seja por convicção ou coerção. Ficou evidente, ao menos para a maioria, que a exclusão da Igreja ortodoxa russa, reivindicando por vários grupos especialmente da Europa ocidental, não é a solução; seria o verdadeiro fracasso do diálogo ecumênico, pois uma vez que a Igreja saísse, ela não voltaria por muito tempo e estaria totalmente fora da conversa e da cooperação, tão importante na fase pós-guerra, quando chegar. Seria água nos moinhos dos setores mui conservadores e antiecumênicos na própria Igreja russa. Além disso, o CMI nunca excluiu igrejas-membro com base em sua posição em conflitos político-religiosos, mas nunca deixou, no entanto, de criticá-las fortemente quando necessário, como ocorreu com a Igreja holandesa reformada na África do Sul pelo seu sustento teológico ao sistema de separação das raças (*apartheid*). À época, a própria Igreja renunciou à sua membresia. O fato que tal renúncia (ainda?) não aconteceu com a Igreja russa pode ser visto como um sinal positivo de uma procura de alternativas, ainda que de forma não publicizada. Afinal, na Rússia hodierna, críticos da guerra e do governo Putin enfrentam severas punições. Às vezes, o silêncio também pode falar alto, ou seja, não defender a guerra – e pelo que me consta ninguém o fez de todas as letras, antes se procurou amenizar as críticas, especialmente à Igreja – já é um sinal de esperança, ainda que mui tímido.

Segue, no quadro abaixo, o que foi declarado pelo Comitê Central, em junho de 2022, e pela assembleia, em setembro do mesmo ano, com detalhes diferindo – também em função do tempo de quase três meses decorrido entre os dois eventos – mas com a mesma linha geral. Ative-me principalmente às constatações (destacadas com verbos como “rejeitar”) e não aos textos introdutórios ou explicativos.

---

<sup>24</sup> “[...] day after day, strenuous humanitarian and peace-making activities are being carried out, much of which remain unseen. We invite all interested parties to join efforts with us in rendering aid to the suffering. I think that time and again, our conflict-torn world will need Christians’ help.” (HILARION OF BUDAPEST E HUNGARY, 2022, p. 59).

<sup>25</sup> “[...] we must not be indifferent, seeing certain parts of the Western Christian world sliding into the abyss of absolute rejection of the Gospel and Christ and following the path of moral relativism and degradation.” (HILARION OF BUDAPEST E HUNGARY, 2022, p. 55).

QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE AS DECLARAÇÕES DO COMITÊ CENTRAL (JUNHO DE 2022) E DA ASSEMBLEIA DO CMI (AGOSTO DE 2022) SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA

Aspecto	Comitê Central	Assembleia
Título/referência bíblica	“Desvia-te do mal e faze o bem” (Sl 34,14); também Mt 5,9	“De fato, ele é a nossa paz” (Ef 2,14); também Ef 2,17-18
Legalidade/legitimidade da guerra	Illegal e injustificável	Illegal e injustificável
	Incompatível com a natureza e vontade de Deus para a humanidade e contra os princípios fundamentais cristãos e ecumênicos	Incompatível com a natureza e vontade de Deus para a humanidade e contra os princípios fundamentais cristãos e ecumênicos
	Convoca ao respeito aos princípios da lei humanitária internacional (especialmente quanto à proteção da população civil e o tratamento humano dos prisioneiros de guerra)	Convoca ao respeito aos princípios da lei humanitária internacional (especialmente quanto à proteção da população civil e o tratamento humano dos prisioneiros de guerra)
Linguagem religiosa	Rejeita qualquer abuso de linguagem e autoridade religiosas para justificar agressão armada	Rejeita qualquer abuso de linguagem e autoridade religiosas para justificar agressão armada <b>e o ódio</b>
Apelo às partes	Pelo <b>fim da guerra</b> e um cessar-fogo imediato	Por um cessar-fogo imediato
Apelo à comunidade internacional	Pelo maior investimento pela promoção da paz em vez da escalada de confrontos e divisões	Pelo maior investimento pela promoção da paz em vez da escalada de confrontos e divisões, <b>fortalecendo soluções não violentas de conflitos, “processos de transformação e reconciliação”</b>
Papel do CMI	Acompanhamento; plataforma e <b>espaço seguro para encontro e diálogo</b>	Acompanhamento; plataforma e <b>espaço seguro para encontro e diálogo</b>
	Visita do secretário-geral em exercício a Kyiv e Moscou; assegurar-se da presença de representantes da Ucrânia	[foi cumprida; a plenária da Europa foi integralmente dedicada a vozes da Ucrânia; tinha delegações de ambos os países em guerra]
		Compromisso por um diálogo intensificado; compromisso com <b>responsabilidades mútuas</b> [das igrejas], <b>prestar contas</b> pela manutenção do vínculo da unidade em Cristo
Diaconia	Reconhecimento da atuação das igrejas locais, ministérios especializados [agências de cooperação, por exemplo] pela população na Ucrânia e as pessoas refugiadas	Reconhecimento da atuação das igrejas locais, ministérios especializados [agências de cooperação, por exemplo] pela população na Ucrânia e as pessoas refugiadas
Oração	Pelas vítimas “na Ucrânia, na região e mundo afora”	Pelas vítimas “na Ucrânia, na região e mundo afora”, assegurando-os do <b>“amor e do acompanhamento da comunhão global do CMI”</b>
		<b>Pelo fim da guerra</b>
Protesto	Convoca as igrejas da Rússia e da Ucrânia para levantarem suas vozes contra a matança, a destruição, o deslocamento e a desapropriação das pessoas da Ucrânia	Convoca as igrejas da Rússia e da Ucrânia para levantarem suas vozes contra a matança, a destruição, o deslocamento e a desapropriação das pessoas da Ucrânia

Pós-guerra		Enormes custos humanitários, financeiros e ecológicos; <b>vocação das igrejas a terem um papel-chave para o “curar das memórias, a reconciliação e o cuidado diaconal”</b>
------------	--	--

Fonte: Central Committee (2022) e 11<sup>th</sup> Assembly of the World Council of Churches (2022).

Creio que se mostra que, ao mesmo tempo que se manteve um diálogo (nada harmonioso, na minha leitura) no âmbito do movimento ecumênico representado pelo CMI, não houve meias-palavras na rejeição da invasão russa à Ucrânia, ainda que, no detalhe, certamente poderia ter havido palavras mais diretas e mais fortes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Também no Brasil uma das lições mais importantes é ouvir as vozes das próprias pessoas envolvidas, e entre eles, principalmente os que mais sofrem. Não sendo especialista no assunto do oriente Europeu, procurei aprender e saber mais, e foi nesta condição que agora ofereço estas pesquisas e reflexões de forma ainda bastante exploratória. Há fortes discordâncias entre as pessoas envolvidas, principalmente teólogos ortodoxos, sobre a interpretação do continente europeu e sua avaliação, como ficou visível. A questão é complexa. Juntar crítica inequívoca com manutenção de diálogo ecumênico é uma tarefa difícil, mas necessária e, assim defendo, promissora. Na questão da guerra em si, contudo, não se pode utilizar meias-palavras: ela tem que cessar imediatamente, e o agressor nesse momento está, como político autoritário com forte apoio eclesiástico, no Kremlin. ✎

### REFERÊNCIAS

11<sup>TH</sup> ASSEMBLY OF THE WORLD COUNCIL OF CHURCHES. War in Ukraine, peace and justice in the European region. **World Council of Churches**, 8 set. 2022. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/war-in-ukraine-peace-and-justice-in-the-european-region>. Acesso em: 18 set. 2022.

ALVES, Alessandro Cavassin. A etnia ucraniana na política paranaense. **Revista NEP**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/60213/35549>. Acesso em: 17 set. 2022.

BISCHOF, Franz Xaver et al. **Einführung in die Geschichte des Christentums**. Freiburg: Herder, 2014.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1969, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 1969.

BREMER, Thomas. How the Russian Orthodox Church views the “Russian world”. **Occasional Papers on Religion in Eastern Europe**, Newberg, v. 35, n. 3, p. 43-49, jul. 2015. Disponível em: <https://digitalcommons.georgefox.edu/ree/vol35/iss3/4>. Acesso em: 17 set. 2022.

## Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

BREMER, Thomas. Religion in Ukraine: historical background and the present situation. In: KRAWCHUK, Andrii; BREMER, Thomas (Orgs.). **Churches in the Ukrainian crisis**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 20-38.

BREMER, Thomas Ukrainian nationhood, “russkii mir”, and the abuse of history. **Public Orthodoxy**, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://publicorthodoxy.org/2022/03/22/ukrainian-nationhood-russkii-mir/#>. Acesso em: 17 set. 2022.

CENTRAL COMMITTEE OF THE WORLD COUNCIL OF CHURCHES. Statement on the war in Ukraine. **World Council of Churches**, 18 jun. 2022. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/wcc-central-committee-statement-on-the-war-in-ukraine>. Acesso em: 17 set. 2022.

DECLARATION on the “Russian world” (russkii mir) teaching. **Public Orthodoxy**, 13 mar. 2022. Disponível em: <https://publicorthodoxy.org/2022/03/13/a-declaration-on-the-russian-world-russkii-mir-teaching/>. Acesso em: 15 set. 2022.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os demônios**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

ECUMENICAL PATRIARCHATE OF CONSTANTINOPLE. Ecumenical Patriarchate publishes text of tomos for Ukrain. **Ukrinform**, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ukrinform.net/rubric-society/2619561-ecumenical-patriarchate-publishes-text-of-tomos-for-ukraine.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 367-398, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/Q7Q6Y7fb5bRDftJMTZQQ6CP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2022.

HILARION OF BUDAPEST E HUNGARY. Reconciliation and unity are the purpose of the divine love incarnate in Jesus Christ. In: SAUCA, Ioan; MIHOC, Vasile-Octavian (Orgs.). **Orthodox reflections on the way to Karlsruhe**: Christ’s love moves the world to reconciliation and unity. Genebra: WCC Publications, 2022. p. 52-59.

HOVORUN, Cyril. Interpreting the “Russian world”. In: KRAWCHUK, Andrii; BREMER, Thomas (Orgs.). **Churches in the Ukrainian crisis**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 196-205.

HOVORUN, Cyril. Putin’s Metaphysik. **Publik-Forum**, Oberursel, n. 9, p. 34, 13 maio 2022a. Disponível em: <https://www.publik-forum.de/Religion-Kirchen/putins-metaphysik>. Acesso em: 15 set. 2022.

HOVORUN, Cyril. The end of an ideological cycle? **Canopy Forum**, 21 jun. 2022b. Disponível em: <https://canopyforum.org/2022/06/21/the-end-of-an-ideological-cycle/>. Acesso em: 17 set. 2022.

HOVORUN, Cyril. Via tertia for the Orthodox Churches. **International Journal of Public Theology**, Leiden, v. 14, n. 3, p. 336-354, out. 2020. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/ijpt/14/3/article-p336\\_7.xml](https://brill.com/view/journals/ijpt/14/3/article-p336_7.xml). Acesso em: 16 set. 2022.

HOWELL, Christopher. The Russian world and the Hellenic world. **Public Orthodoxy**, 16 set. 2022. Disponível em: <https://publicorthodoxy.org/2022/09/16/the-russian-world-and-the-hellenic-world/#>. Acesso em: 16 set. 2022.

JENKINS, Philip. **The next Christendom: the coming of global Christianity**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.

KIRILL. Statement by Patriarch Kirill on the war in Ukraine. **Anglican Ink**, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://anglican.ink/2022/02/24/statement-by-patriarch-kirill-on-the-war-in-ukraine/>. Acesso em: 15 set. 2022.

KRAWCHUK, Andrii; BREMER, Thomas (Orgs.). **Churches in the Ukrainian crisis**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

RUSSIAN ORTHODOX CHURCH. His holiness Patriarch Kirill calls on the faithful to pray for peace and unity of the Church. **Russian Orthodox Church**, 27 fev. 2022. Disponível em: <http://www.patriarchia.ru/en/db/text/5904398.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

SHISHKOV, Andrey. Some reflections on the Declaration on the “Russian world” teaching. **Public Orthodoxy**, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://publicorthodoxy.org/2022/04/13/some-reflections-on-the-declaration-on-the-russian-world-teaching/#>. Acesso em: 16 set. 2022.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da história universal**. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

SUSLOV, Mikhail. The Russian Orthodox Church and the crisis in Ukraine. In: KRAWCHUK, Andrii; BREMER, Thomas (Orgs.). **Churches in the Ukrainian crisis**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 162-195.

TEITELBAUM, Benjamin. **Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Recebido em: 18/09/2022.

Aceito em: 07/11/2022.